



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, Supl n. 2 (2022).

RELATO DE EXPERIÊNCIA
DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8nsup2p41-57

Implementação da consulta de enfermagem do adolescente em um Ambulatório Escola: relato de experiência

Implementation of the adolescent nursing consultation in a School Outpatient Clinic: experience report

Simone Fátima de Azevedo

Bacharel e licenciada em Enfermagem pela Faculdade Arthur Sá Earp Neto – FASE/RJ
Pós-graduada em Enfermagem em Pediatria e Neonatologia pela Faculdade Unyleya
Mestranda do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde – MPES/UFF
Enfermeira docente no Colégio Santa Catarina, Petrópolis, RJ, Brasil
Preceptora de Estágio Supervisionado em Rede Ambulatorial, do Módulo de Enfermagem do Adolescente, do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto - UNIFASE, Petrópolis, RJ, Brasil

E-mail: simoneazevedof@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9694-3956>

Lívia da Silva Firmino dos Santos

Bacharel e Licenciada em Enfermagem pela Faculdade Arthur Sá Earp Neto – FASE/RJ
Pós-graduada em Enfermagem do Trabalho pela FASE/RJ
Especialista em Preceptoría no SUS, pelo Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa
Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde pela Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ
Coordenadora do Estágio Supervisionado em Rede Ambulatorial do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto - UNIFASE, Petrópolis, RJ, Brasil

E-mail: firmينو.li@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1263-9584>

Deison Alencar Lucietto

Cirurgião-dentista pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS
Mestre e Doutor em Ciências na Área de Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ/RJ
Prof. Adjunto do Departamento de Saúde e Sociedade, Instituto de Saúde Coletiva – MSS/ISC Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, Brasil

E-mail: deisonlucietto@id.uff.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7002-7952>

Elaine Antunes Cortez

Bacharel e Licenciada em Enfermagem pela Universidade Federal Fluminense - UFF/RJ
Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/RJ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/RJ

Profª Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica (MEP), Escola de Enfermagem – MEP/EEAAC - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, Brasil

E-mail: nanicortez@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3912-9648>

Cláudia Maria Messias

Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Barra Mansa /RJ
Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/RJ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro -EEAAC UFRJ/RJ

Profª Adjunta do Departamento Materno Infantil e Psiquiatria, Escola de Enfermagem – MEP/EEAAC - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, Brasil

E-mail: marimessi1512@hotmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1323-0214>

Mônica Virgínia da Silva

Bacharel e licenciada em Enfermagem pela Faculdade Arthur Sá Earp Neto – FASE/RJ
Pós-graduada em Enfermagem do Trabalho pela Faculdade UNISUAM
Enfermeira docente no Colégio Santa Catarina, Petrópolis, RJ, Brasil

E-mail: monica.virginia@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8556-1370>

Resumo: Objetivo: relatar a implementação da consulta de enfermagem do adolescente em um ambulatório escola de uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Petrópolis/RJ. **Método:** tratou-se de relato de experiência, desenvolvido nos seguintes momentos: identificação de necessidades; concepção; aprovação junto à IES; estabelecimento de parcerias; divulgação para o público-alvo; e operacionalização da consulta. **Resultados:** no período de julho a dezembro de 2016 foram realizados 64 atendimentos no ambulatório, além de diversas salas de espera e de ações de educação em saúde em escolas. Mediante trabalho em equipe multidisciplinar foi possível planejar e oferecer um serviço bem estruturado com vistas ao acompanhamento efetivo dos adolescentes. Além disso, houve criação de vínculos e confiança com a comunidade e aprimoramento da formação dos estudantes de Enfermagem. Como esforço coletivo e grande impacto dessa medida, têm-se uma demanda que segue em crescimento. **Conclusões:** a implementação da consulta de enfermagem do adolescente foi essencial no Ambulatório Escola, pois os adolescentes necessitavam de cuidados e de um espaço onde pudessem ser ouvidos, acolhidos e empoderados quanto ao seu autocuidado e sua saúde nessa fase de mudanças, questionamentos e possíveis vulnerabilidades.

Palavras-chave: Consulta de Enfermagem; Adolescente; Assistência ambulatorial; Educação em Saúde; Formação Profissional em Saúde.

Abstract: Objective: to report the implementation of the adolescent's nursing consultation in an outpatient school of a Higher Education Institution in the city of Petrópolis/RJ. **Method:** it was an experience report, developed in the following moments: identification of needs; conception; approval by IES; establishment of partnerships; disclosure to the target audience; and operationalization of the consultation. **Results:** from July to December 2016, 64 outpatient visits were carried out, in addition to several waiting rooms and health education actions in schools. Through multidisciplinary teamwork, it was possible to plan and offer a well-structured service with a view to effective monitoring of adolescents. In addition, there was the creation of bonds and trust with the community and improvement of the training of Nursing students. As a collective effort and great impact of this measure, there is a demand that continues to grow. **Conclusions:** the implementation of the adolescent's nursing consultation was essential in the School Outpatient Clinic, as the adolescents needed care and a space where they could be heard, welcomed and empowered regarding their self-care and their health in this phase of changes, questions and possible vulnerabilities.

Keywords: Nursing Consultation; Adolescent; Outpatient care; Health education; Professional Health Training.

Introdução

A adolescência corresponde à fase da vida entre a infância e o crescimento completo do indivíduo,

sendo assinalada por um conjunto vasto de mudanças no crescer e desenvolver biopsicossocial.¹ Para a Organização Mundial da Saúde essa fase se situa entre os 10 e 19 anos, enquanto para o Estatuto da Criança e do Adolescente dos 12 aos 18 anos.²

Para além das diferenças entre os intervalos de idade, conceituar infância e adolescência reveste-se de considerações mais complexas^{1,3}, uma vez que essas fases possuem particularidades e envolvem demandas de cuidado específicas, as quais não se limitam à idade.

Inicialmente, a infância direciona a uma das soberanas fases da existência, sendo permeada pelo universo de pensamentos do “faz de conta” e das “guloseimas de diversas cores”, onde não há maiores inquietações em relação ao futuro. A adolescência, por sua vez, frequentemente vincula-se com a fase das buscas, das modificações do comportamento, da teimosia e da exacerbação dos sentimentos.³

Entretanto, tais concepções são bastante influenciadas por susceptibilidades e diversificadas situações de risco³, as quais contribuem para o aumento da vulnerabilidade nas esferas biológica, psíquica e social.⁴ Dentre essas situações de risco destacam-se: os obstáculos de acessibilidade aos serviços de educação e saúde, a violência, o uso e abuso de drogas, as más condições de habitação ou a ausência desta, a pobreza, a negligência, o abandono, a fragilidade na composição familiar, a entrada prematura no ambiente profissional e sua exploração, a marginalização da sociedade e o entrave da cultura, o abuso sexual e a prostituição, a gravidez indesejada e o aborto, o início das práticas sexuais sem proteção, a angústia e o adoecimento psíquico, os sentimentos conflitantes e o desequilíbrio emocional (oriundos das ações hormonais intensas da puberdade).⁴

Em meio às alterações físicas, emocionais e sociais vivenciadas pelo adolescente, a família e a sociedade começam a impor novos compromissos relacionados à existência, conduzindo ao enfrentamento de vários questionamentos sobre sua própria identidade e seu papel social, caracterizando-se a adolescência como um processo de vulnerabilidades em contextos variados.^{3,5}

Esse aspecto torna-se mais sensível quando se consideram dados demográficos e de saúde da população brasileira. Um primeiro aspecto a ser destacado é que, dentre os mais de 200 milhões de brasileiros, cerca de 24,8% está entre 0 e 17 anos, a faixa etária com maior dimensão de pessoas.^{6,7} Além disso, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) realizada nas escolas brasileiras

no ano de 2015, mais de 70,0% dos estudantes do Brasil consideravam-se saudáveis. Contudo, com relação ao número de faltas nas escolas, identificou-se que mais da metade na faixa etária dos 13 aos 17 anos apresentaram como principal motivo problemas relacionados à saúde.⁸

Embora cerca de 80% dos problemas de saúde possam ser resolvidos no âmbito da atenção básica, observa-se que os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) enfrentam diversos desafios na assistência de adolescentes e jovens, uma vez que estes muitas vezes transitam “invisibilizados”, sem terem as particularidades de seu ciclo de vida consideradas, aspecto que resulta em um cuidado que não contempla e nem valoriza todas as suas individualidades e necessidades específicas.⁵

Vale enfatizar que as situações de risco as quais os adolescentes estão expostos acontecem, na maioria das vezes, de forma concomitante e dinâmica. Logo, a assistência e as ações de saúde voltadas a esse público necessitam ser holísticas e alicerçadas no cuidado integral.⁴

Para tanto, com a finalidade de direcionar ações ligadas a políticas e programas já presentes no SUS, o Ministério da Saúde preconiza as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens, visando ações de promoção, proteção e recuperação da saúde para esses públicos, as quais estão alicerçadas na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens. Essa política prevê o envolvimento de gestores e profissionais no desenvolvimento de um cuidado ampliado e enfatiza a importância de parcerias interfederativas/intersectoriais que possibilitem mudanças no contexto de vulnerabilidades e que influenciem o desenvolvimento e crescimento saudável dos adolescentes e jovens em todo o território nacional.⁵

Nessa perspectiva, admitir os adolescentes como indivíduos portadores de direitos traz consigo concepções essenciais que precisam estar presentes na sua assistência à saúde, pois para promover saúde é importante que adolescentes e jovens se tornem protagonistas do processo⁷. Isso, por sua vez, demanda mudanças na forma do cuidar do adolescente, aspecto que pressupõe aceitação, envolvimento e criação de vínculo com os profissionais de saúde.⁹

A consulta de enfermagem é recurso relevante para acompanhar os adolescentes, sendo útil tanto para reconhecer eventos do processo saúde-doença quanto para atuar em ações de promoção, prevenção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde. Dessa maneira, configura-se como importante elemento para o cumprimento dos princípios da universalidade, equidade, resolutividade

e integralidade no âmbito do SUS.¹⁰

Nesse sentido, entende-se que a atuação do enfermeiro, inclusive como educador em saúde, é fundamental na atenção à saúde do adolescente. Apesar dessa importância, os serviços ambulatoriais de enfermagem costumam se restringir à puericultura (desde o nascimento até os 10 anos incompletos), saúde da mulher, do adulto e do idoso.

Considerando-se a existência de lacunas na atenção à saúde na adolescência, este estudo tem por objetivo relatar a experiência de implementação da consulta de enfermagem do adolescente em um Ambulatório Escola no Módulo de Enfermagem Saúde da Criança no município de Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro.

Métodos

Tratou-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência sobre a implementação da consulta de enfermagem do adolescente, em um Ambulatório Escola com 20 anos de existência de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. A proposta teve origem nas vivências acadêmicas do 9º período, seniorato, do Curso de Bacharelado em Enfermagem, no período de julho a dezembro de 2016, sendo a consulta de enfermagem do adolescente implementada durante esse período. Dessa forma, fundamenta-se em aprendizados com potencial de instigar mudanças positivas tanto na atenção à saúde quanto na formação profissional.

Para facilitar o entendimento sobre o caminho seguido, optou-se por descrevê-lo através de momentos sequenciais: 1) Identificação de necessidades sobre consultas de enfermagem do adolescente; 2) Concepção da proposta da consulta de enfermagem do adolescente; 3) Aprovação da proposta junto à IES; 4) Estabelecimento de parcerias para viabilizar a proposta; 5) Divulgação da proposta para o público-alvo; e, 6) Operacionalização da consulta de enfermagem do adolescente (Figura 1).

Relato de experiência

A identificação da necessidade de cuidados de enfermagem aos adolescentes resultou da observação da inexistência de consultas específicas para esse público no Ambulatório Escola e da problematização teórica oriunda do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Ações dos Enfermeiros da Atenção

Básica frente as vulnerabilidades dos adolescentes”, sob supervisão docente e da preceptora do Módulo de Enfermagem da Saúdeda Criança. O estudo foi apresentado no último período do curso de graduação e possibilitou que a literatura científica fosse colocada em diálogo com o mundo da prática.

A concepção da proposta foi ancorada em pesquisas bibliográficas sobre orientações do Ministério da Saúde e em livros, artigos, manuais e protocolos sobre a assistência deenfermagem na consulta de enfermagem do adolescente, sendo supervisionada por docenteda Disciplina de TCC. Após a revisão de literatura, que serviu de base para a monografia, desenvolveu-se um instrumento guia para as consultas, além da organização da dinâmica e da abordagem do público-alvo.

Na sequência, a proposta de implementação da consulta foi apresentada à administração da IES. Após reunião, foram realizadas adaptações da proposição inicial, considerando-se as sugestões da própria administração. Feito isso, houve a aprovação final para a operacionalização da consulta de enfermagem pela Direção. Esse passo foi de grande importância, pois houve o apoio institucional para avançarmos na proposta, sendo este indispensável para a sua divulgação junto à equipe multidisciplinar do ambulatório e para o estabelecimento de parcerias no serviço, realizadas subsequentemente.

Após a formalização de apoios e parcerias internas, procedeu-se à divulgação e convite do público-alvo. Para tanto, foram utilizadas duas estratégias principais: uma voltada para os frequentadores do Ambulatório Escola e outra para a comunidade escolar externa.

Para os usuários do serviço, optou-se pela realização de salas de espera, com as finalidades de realizar ações de educação em saúde, divulgar o atendimento e captar os adolescentes que aguardavam consultas com a ginecologia infanto puberal e endocrinologia pediátrica.

Essas atividades foram conduzidas por estudantes de Enfermagem sob a supervisão da preceptora do Módulo e abordaram as seguintes temáticas: adolescência; higiene corporal; puberdade (mudanças no corpo da menina e do menino, menarca, polução noturna); namoro (ficar); sexualidade; infecções sexualmente transmissíveis (IST); prevenção da gravidez na adolescência; calendário de vacinação do adolescente (com ênfase na importância das vacinas, assim como a atualização do calendário vacinal); caderneta de saúde do adolescente (menino e menina); *bullying*; drogas; perspectiva de futuro (o que esse adolescente quer ser quando crescer?); hábitos de vida saudáveis e abordagem quanto à saúde emocional (ansiedade, autoestima, depressão e automutilação).

A abordagem realizada nas salas de espera, no período de agosto a novembro de 2016, teve uma participação de 112 pessoas, incluindo os adolescentes e seus acompanhantes. Após a realização da atividade, os adolescentes que apresentaram interesse na consulta ofertada foram acolhidos e atendidos na mesma manhã pela enfermagem. Ressaltamos que todos os adolescentes que demandaram cuidados específicos, identificados durante esses atendimentos, foram encaminhados para especialidades da equipe multidisciplinar (nutrição, clínica médica, pediatria, oftalmologia, ginecologia infanto puerbal, endocrinologia pediátrica, dermatologia e otorrinolaringologia).

Já, para a divulgação junto à comunidade escolar externa, criou-se parceria com duas escolas públicas do município próximas ao Ambulatório Escola, com a finalidade de apresentar o serviço, captar adolescentes e realizar ações de educação em saúde.

No que tange à educação em saúde, num primeiro momento, foi realizada reunião com as diretoras das escolas explicando sobre a consulta de enfermagem do adolescente e os objetivos da parceria. Após consentimento, foram realizadas exposições dialogadas com os escolares de 10 a 19 anos sobre gravidez na adolescência, drogas e IST, temáticas definidas através da sinalização das diretoras e do levantamento de temas de interesse junto aos estudantes.

No período de setembro a novembro de 2016 foram conduzidas 19 atividades com alunos dos 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e de uma turma da educação de jovens e adultos, totalizando 743 participantes. Apesar de atrair os adolescentes aos serviços de saúde não ser algo simples, esse movimento em direção às escolas foi responsável por envolver um público até então não alcançado com êxito em atividades de educação em saúde.

No sentido de divulgar o serviço, foi elaborado um folder contendo ilustrações, imagens sobre a adolescência e informações sobre a consulta de enfermagem do adolescente, tais como: público-alvo, faixa etária, horários, ações realizadas nas consultas de enfermagem e formas de realizar o agendamento. Este convite foi impresso colorido e encaminhado aos pais/responsáveis pelas diretoras das escolas parceiras, que o anexaram na caderneta de aviso dos alunos.

A operacionalização da consulta de enfermagem do adolescente teve início em julho de 2016, a partir da abertura de uma agenda na recepção do Ambulatório Escola para quatro atendimentos dos 10 aos 19 anos de idade, às quartas-feiras, dentro do Módulo de Saúde da Criança. Mediante trabalho

com as diversas áreas foi possível criar e oferecer um serviço bem estruturado, promovendo aprendizados aos acadêmicos de Enfermagem, acompanhamento efetivo aos adolescentes e criação de confiança e vínculo com a comunidade. Durante o primeiro semestre de operacionalização foram contabilizados 64 atendimentos na consulta de enfermagem do adolescente.

Em função dos avanços obtidos, houve a incorporação do Módulo de Enfermagem do Adolescente junto à Matriz Curricular do curso de graduação em Enfermagem ainda no ano de 2016. Assim, os acadêmicos passaram a ter atividades distintas nos Módulos de Saúde da Criança e do Adolescente, tendo a oportunidade de aprendizado em ambos os serviços. Um dos impactos dessa medida foi o aumento da demanda por consultas.

Em 2021, o serviço atende de segunda à quinta-feira (às segundas-feiras em período integral e nos demais dias pela manhã), com média de seis atendimentos por dia. No componente de Saúde do Adolescente, os graduandos, sob supervisão da enfermeira preceptora, realizam acolhimento, anamnese e exame físico; fornecem orientações; realizam atividades de educação em saúde; e, encaminham os adolescentes para os atendimentos necessários, de acordo com as vulnerabilidades identificadas durante as consultas.

Durante o término da consulta de enfermagem do adolescente é ofertada a possibilidade de outros familiares serem atendidos no Ambulatório Escola, nas demais áreas da Enfermagem Puericultura, Enfermagem Adulto e Idoso e Enfermagem Saúde da Mulher, a fim de realizar um cuidado ampliado e que considera os diferentes ciclos de vida.

Discussão

A adolescência, período de mudanças orgânicas, psicológicas e sociais reveste-se de grande importância para o desenvolvimento integral do ser humano¹. Muitas vezes negligenciada na família e desapercebida na assistência à saúde, essa fase demanda cuidados específicos, tendo em vista as vulnerabilidades que os adolescentes estão expostos^{1,5}. Além disso, as descobertas, influências ambientais/sociais e apropriação do mundo, típicas da adolescência, poderão ter impactos negativos sobre a saúde física e mental, com repercussões para a vida adulta.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar apontam que 18,4% dos estudantes do 9º ano

do ensino fundamental já fizeram uso de cigarros de tabaco e 9% já utilizaram drogas ilícitas (maconha, cocaína, *crack*, cola, loló, lança perfume, *ecstasy*, *oxy* e outros), sendo este último percentual representado por 9,5% entre adolescentes do sexo masculino e de 8,5% do sexo feminino. Dentre esses estudantes, aqueles de escolas públicas apresentaram maior índice de experimentação às drogas ilícitas (9,3%), quando comparados àqueles de escolas privadas (6,8%). Quanto à iniciação sexual dos alunos brasileiros, ainda do 9º ano, 27,5% já se relacionaram sexualmente. Ao se observar a dependência administrativa das escolas, verificou-se que 29,7% de alunos das escolas públicas e 15,0% das escolas privadas já tiveram relação sexual alguma vez. Desses, 61,2% fizeram uso do preservativo na primeira relação sexual e 66,2% o utilizaram na última, sem diferenciação entre escolares das redes privada e pública. Além disso, cerca de 1,1% das meninas do 9º ano já engravidaram, configurando um total de 23.620 estudantes. Quando se analisam as taxas de meninas que já se relacionaram sexualmente (19,5%), 9% já engravidaram alguma vez, sendo que nas escolas públicas, o índice de gravidez nessa faixa etária é quase o triplo (9,4%) quando em relação às instituições privadas (3,5%). A pesquisa identificou, ainda, que 87,3% dos escolares participantes já haviam recebido orientações sobre IST e síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) nas escolas.⁸

Tendo em mente esses dados, é indispensável refletir quanto aos alcances das políticas de atenção à saúde direcionadas às crianças e aos adolescentes, bem como o enfoque atribuído para as ações de educação em saúde, visando diminuir situações de risco, empoderar para o autocuidado, estimular a autorreflexão e favorecer sua qualidade de vida.³

Além disso, verifica-se que há uma grande variedade de demandas dos adolescentes assistidos em nível ambulatorial, decorrentes do crescimento e desenvolvimento adequado e inadequado (estatura, puberdade, peso, transtornos da alimentação, dores de cabeça, dores frequentes, ciclo menstrual, pele, desvios da coluna, desenvolvimento escolar e problemas familiares, dentre outros) e das cada vez mais comuns questões emocionais ligadas à depressão, às fobias, à ansiedade, à automutilação e à ideação suicida. Essas demandas, por sua vez, exigem dos profissionais de saúde uma assistência precisa.¹¹

Nesse sentido, a consulta de enfermagem é uma estratégia importante para a assistência especializada¹², além de fomentar autonomia aos pacientes por meio da criação de competências pessoais para o seu próprio bem-estar. Na consulta de enfermagem, o profissional dispõe de liberdade

para elaborar mecanismos de assistência extensivos ao paciente, à família e à comunidade, visando a promoção da saúde em nível global¹³, sendo esse um aspecto a ser observado na abordagem ao adolescente.

Dada a relevância da implementação da consulta de enfermagem do adolescente, a proposta para o Ambulatório Escola buscou sua viabilidade, em termos de divulgação e captação de público, por meio de duas estratégias principais: um movimento interno, através da realização de salas de espera e um movimento externo, pela via da educação em saúde em escolas públicas do entorno. Apesar dos desafios em termos de concepção, negociação e recursos, reforça-se que esse desenho foi de grande utilidade na experiência relatada.

No desenvolvimento das salas de espera, foram trabalhadas dinâmicas, desenvolvidos materiais educativos (como *folders* sobre IST, drogas e gravidez na adolescência) e utilizadas as Cadernetas de Saúde do Adolescente, Menino e Menina, do Ministério da Saúde, 2009 e 2013, como instrumento educativo.^{14,15} Durante a realização das salas de espera, observou-se que alguns adolescentes se encontravam receosos, talvez por não estarem acostumados a participar dessas atividades nos serviços de saúde. Outros, por sua vez, interagiram bastante e esclareceram suas dúvidas, contribuindo com a proposta. Houve, ainda, a participação das mães e/ou responsáveis, que elogiaram a iniciativa.

O desenvolvimento das salas de espera com adolescentes e seus acompanhantes possibilita que indivíduos se auto-observem e que identifiquem seus saberes e comportamentos em saúde, sendo esse um recurso valioso para que os profissionais compreendam seus pontos de vista, esclareçam seus questionamentos e atendam suas necessidades. Há, então, espaço-tempo para o diálogo próximo entre os pacientes e os profissionais.¹⁶ Assim, ao mesmo tempo em que o ambiente da sala de espera contribui para a troca de saberes e experiências entre o adolescente e o profissional de saúde, possibilita a criação de vínculos e favorece a formação dos futuros profissionais.¹⁷

Por conseguinte, entende-se que a sala de espera pode funcionar como um espaço em que as atividades de educação em saúde, com vistas à promoção da saúde, sejam potencializadas. Em acréscimo, visualiza-se que ela maximiza debates relacionados aos comportamentos do dia a dia, proporcionando pensamentos críticos diante das atitudes sobre a conquista da qualidade de vida do grupo em questão e não apenas daqueles indivíduos em situação de risco ao adoecimento.¹⁸

Sob o ponto de vista do movimento externo para a divulgação e captação de adolescentes para a consulta em implementação no Ambulatório Escola, reitera-se que as parcerias com as escolas públicas foram de grande valia, evidenciando esse ambiente como propício para atuação do enfermeiro em ações educativas em saúde.

Esse entendimento pôde ser comprovado nesta vivência quando foram esclarecidas várias dúvidas de alunas do 8º ano do ensino fundamental sobre complicações do aborto, após conversas sobre gravidez na adolescência. No que tange ao uso do preservativo, alguns alunos negaram o seu uso durante as relações sexuais e fizeram vários questionamentos sobre quais práticas sexuais engravidavam. Na mesma ocasião, identificou-se uma adolescente grávida de aproximadamente três meses e foi possível realizar a sua abordagem, com as orientações e os encaminhamentos necessários para a consulta no Serviço de Enfermagem Saúde da Mulher e primeira consulta de pré-natal. Além disso, em relação às drogas, constatou-se que alguns alunos já as utilizavam, comprovando dados previamente disponibilizados em 2015 pela Pesquisa PENSE.⁸

Em função disso, entende-se que a escola é um dos espaços mais apropriados para estas intervenções de saúde, pois nela é possível reconhecer os problemas de saúde, prevenir doenças, incentivar hábitos de vida saudáveis desde a alfabetização e realizar os encaminhamentos necessários. Agravos em saúde, incluindo situações de vulnerabilidade, podem ser consideravelmente reduzidos nas escolas, uma vez que ao construir um espaço educacional estável e sadio contribui-se para o desenvolvimento de comportamentos saudáveis.¹⁹ Tendo em mente que crianças e adolescentes permanecem boa parte do seu tempo no ambiente escolar, é preciso que eles se apropriem de saberes para a compreensão do planeta em que residem.³

Neste sentido, considerando-se que a promoção da saúde envolve a magnitude dos aspectos políticos, culturais e socioeconômicos nos determinantes de saúde e que pressupõe ações intersetoriais¹, o profissional de Enfermagem pode exercer relevante atuação social em escolas, desde a sua graduação. Conhecimentos, habilidades e competências podem ser desenvolvidos neste espaço, contribuindo para que o enfermeiro seja capaz de planejar e executar ações educativas em saúde, as quais envolvem apropriação e recomendação de hábitos e estilos de vida saudáveis.¹⁹ Desta maneira, a atuação desses profissionais no ambiente escolar é vantajosa e relevante pois fortalece vínculos com a comunidade, seja prevenindo, promovendo ou recuperando saúde.³

A participação nas escolas durante este percurso corroborou com os pressupostos do Programa de Saúde do Escolar (PSE), estabelecido em 1984, com a finalidade de fornecer aos estudantes oportunidades de promoção, proteção e recuperação da saúde com vistas ao completo aprimoramento do processo educativo. Mais tarde, em 2007, o PSE foi reestruturado e constituído como participante do Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação, com o objetivo de favorecer no processo de formação completa dos alunos da rede governamental de educação básica através de atividades de prevenção, promoção e assistência à saúde.^{3,20}

Entende-se, por conseguinte, que a implementação do modelo de participação juvenil corrobora no desenvolvimento da cidadania, da autonomia, da assertividade e do projeto de vida dos adolescentes e jovens. Consequentemente, possibilita a eficácia, a resolutividade e a repercussão social das intervenções de saúde, trazendo benefícios aos jovens e ao setor saúde.¹

Entretanto, para que se obtenha um adequado monitoramento e eficaz manejo das situações de saúde na adolescência, incluindo suas vulnerabilidades, há que se compor um cuidado integral que envolva, mas que não se limite ao ambiente escolar. Há que se avançar na oferta desses serviços nas unidades de saúde.

Sob o ponto de vista assistencial, a consulta de enfermagem do adolescente vem ao encontro das várias necessidades que acompanham as mudanças físicas e emocionais na transição da infância para a adolescência e que, por isso, precisam de atenção.¹³ No momento da consulta, faz-se necessário desenvolver ações de prevenção de doenças, principalmente nas questões de sexualidade e IST, envolvimento com drogas, desempenho escolar e relações autoritárias, incluindo relacionamentos amorosos.¹¹ Acredita-se que o reconhecimento dessas ações primordiais não representa o fracasso da assistência, mas sim o planejamento das intervenções para atingir metas de saúde nos vários níveis através do apoio da equipe multidisciplinar.²¹

O enfermeiro pode contribuir para o cuidado integral do adolescente, porém necessita estar capacitado para amparar e assistir esse indivíduo, considerando o seu local de atuação.¹² Nesse sentido, a implementação da consulta de enfermagem do adolescente corrobora no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes de Enfermagem desde a graduação, preparando-os para atuar nos diferentes ciclos de vida.

A partir das necessidades identificadas no processo de implementação da consulta de enfermagem, entendeu-se que a composição da equipe em áreas como Pediatria ou Hebiatria, Assistência Social, Enfermagem, Nutrição, Psicologia, Psiquiatria e outras categorias é fundamental para a assistência na adolescência.¹¹ Também, comprovou-se que a busca pelo cuidado integral ao adolescente pressupõe a integração entre o serviço de enfermagem e a equipe multidisciplinar.

Nesse sentido, destaca-se que, após o início das consultas no Ambulatório Escola, foi realizado o encaminhamento de vários adolescentes para acompanhamento especializado. Além disso, verificou-se que o convite aos familiares, efetivado ao final da consulta de enfermagem do adolescente, demonstrou-se como uma estratégia útil para a ampliação do cuidado. Essas intervenções, por sua vez, favoreceram a longitudinalidade (na medida em que promoveram o estabelecimento de vínculos com o serviço) e estimularam parcerias intersetoriais (uma vez que os pacientes foram encaminhados para outros profissionais e serviços assistenciais, de acordo com as suas demandas).

No início da operacionalização desse novo serviço, muitos foram os desafios enfrentados para a implementação da consulta, dentre os quais salientam-se: o desconhecimento da população quanto ao significado da consulta de enfermagem do adolescente, havendo necessidade de esclarecimento quanto aos aspectos abordados na consulta e o papel do enfermeiro na assistência do adolescente; a recusa pelo próprio adolescente quanto ao atendimento, por se considerar um ser saudável e desconhecer o serviço da Enfermagem; e a carência de formação específica dos acadêmicos de Enfermagem, que estavam adaptados ao atendimento em puericultura, mas precisavam desenvolver competências e habilidades para a assistência aos adolescentes.

Dentre as possíveis explicações para a recusa do adolescente à consulta atenta-se para a cultura amplamente difundida na população de que apenas a consulta médica é efetiva, na medida em que muitos pacientes só ficam “satisfeitos” ao receberem a prescrição medicamentosa ou a solicitação de exames, desconhecendo a importância dos cuidados de enfermagem e do autocuidado. Além disso, a falta de informação sobre as atividades desenvolvidas na equipe multiprofissional e a desvalorização da consulta de enfermagem pelos próprios pares e demais membros da equipe também pode dificultar esse entendimento.²² Outro elemento importante nessa recusa reside na concepção de que os adolescentes são considerados indivíduos saudáveis e que buscam os serviços de saúde apenas quando apresentam queixas específicas ou para serem assistidos/orientados sobre práticas sexuais e doenças

e agravos delas decorrentes. Por isso, embora a família possa influenciar os adolescentes na busca de ações de prevenção de doenças e promoção da saúde,²³ é preciso mudar percepções equivocadas quanto ao “estar adolescente” entre os profissionais da saúde e a população em geral.

Apesar das dificuldades, a vivência da implementação da consulta de enfermagem do adolescente proporcionou ganhos em sentidos diversos: foi criado um espaço para assistência integral à saúde aos adolescentes; houve ampliação do Módulo de Enfermagem de Saúde da Criança; foram estabelecidas parcerias com escolas públicas; houve integração com a equipe multidisciplinar e com o público escolar; e, existiram ganhos para a formação dos futuros enfermeiros, uma vez que lhes foi facultado o desenvolvimento de competências e habilidades de acolhimento, empatia, transparência, escuta ativa, trabalho em equipe e resolutividade na atenção aos adolescentes.

Considerações finais

O presente estudo atendeu o objetivo de relatar o processo de implementação da consulta de enfermagem do adolescente em um Ambulatório Escola no Módulo de Enfermagem Saúde da Criança no município de Petrópolis/RJ, evidenciando seus avanços, dificuldades e possíveis caminhos a seguir, os quais poderão contribuir para estruturação de serviços semelhantes em outros contextos.

A implementação da consulta de enfermagem do adolescente foi essencial para a comunidade local, pois os adolescentes necessitavam de cuidados e de um espaço onde pudessem ser ouvidos, acolhidos e empoderados quanto ao seu autocuidado e sua saúde nessa fase de mudanças, questionamentos e possíveis vulnerabilidades.

Ao mesmo tempo, houve importantes melhorias na estruturação do serviço do Ambulatório Escola e na formação dos estudantes de Enfermagem, na medida que puderam aprender particularidades e desenvolver competências e habilidades na atenção à saúde durante a adolescência. Destaca-se, ainda, que a assistência de enfermagem ao adolescente no Ambulatório articula-se com a equipe multidisciplinar, o que contribui para uma maior resolutividade e favorece a integralidade do cuidado em nosso serviço.

Por fim, sinaliza-se que cabe aos profissionais de saúde, principalmente ao enfermeiro, realizar ações educativas em saúde durante a assistência e na articulação com espaços sociais diversos, como o

da escola, de modo a minimizar situações de vulnerabilidade e potencializar fatores de proteção à saúde. Com esse trabalho espera-se despertar a sociedade, o próprio adolescente e os profissionais de saúde sobre a importância da consulta de enfermagem do adolescente e suas contribuições nos vários cenários da saúde.

Agradecimentos

À Instituição de Ensino; Ao Ambulatório Escola; à Administradora do Ambulatório em 2016, Professora Regina Shiraishi; à Professora Dulcinéa Luzia de Oliveira Lima Marques e à Preceptora do Módulo de Enfermagem da Saúde da Criança em 2016, Enfermeira Verônica de Oliveira Augusto, pela grande contribuição durante a implementação da consulta de enfermagem do adolescente.

Referências

- ¹ Brasil. Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília, DF: Editora Ministério da Saúde; 2007. [citado 22 fev 2020]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf
- ² Brasil. Senado Federal. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 115 p. [citado 12 out 2021]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf
- ³ Gomes AM, Santos MS, Finger D, Zanittini A, Franceschi EV, Souza JB, et al. Refletindo sobre as práticas de educação em saúde com crianças e adolescentes no espaço escolar: um relato de extensão. Rev Conex UEPG. [Internet]. 2015 [citado 24 fev 2020];11(3):332–41. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/7592/4808>
- ⁴ Pessalacia JDR, Menezes ES, Massuia D. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. Rev Bioethikos. [Internet]. 2010 [citado 19 nov 2021];4(4):423-430. Disponível em: https://saocamilosp.br/assets/artigo/bioethikos/80/Bioethikos_423-430_.pdf
- ⁵ Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. [citado 22 fev 2020]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf
- ⁶ Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População - Educa Crianças [Internet]. IBGE; 2020 [citado 22 de fev 2020]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19631-caracteristicas-da-populacao.html>
- ⁷ Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Idade da População - Educa Crianças [Internet]. IBGE; 2020 [citado 22 fev 2020]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19623-idade-da-populacao.html>
- ⁸ Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015. Rio de Janeiro: IBGE; 2016. [citado 22 fev 2020]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>

- ⁹ Brasil. Ministério da Saúde. Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2017. [citado 22 fev 2020]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf
- ¹⁰ Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 159, de 1993. Dispõe sobre a consulta de Enfermagem. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1993. [citado 22 fev 2020]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-1591993_4241.html
- ¹¹ Beatriz EBVB, Elizabeth CF, Halley FO, Lilian Day Hagel, et al. Consulta do adolescente: abordagem clínica, orientações éticas, e legais como instrumentos ao pediatra. 2019 [citado 26 fev 2020];10:1-14 Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21512c-MO_-_ConsultaAdolescente_-_abordClinica_orienteticas.pdf
- ¹² Santos CM, Kirchmaier FM, Silveira WJ, Arreguy-Sena C. Percepções de enfermeiros e clientes sobre cuidados de enfermagem no transplante de rim. Acta paul. enferm. [Internet]. 2015 [citado 24 fev 2020];28(4):337-343. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500057>
- ¹³ Sobral MG, Pessoa VLMP, Florêncio RS, Solon AAB, Bento JNC, Cestari VRF, et al. Elementos essenciais da consulta de enfermagem à criança e ao adolescente. Rev enferm UFPE online [Internet]. 2018 [citado 22 fev 2020];12(12):3464-75. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i12a235064p3464-3475-2018>
- ¹⁴ Brasil. Ministério da Saúde. Caderneta de Saúde do Adolescente [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. [citado 16 mar 2020]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_menino.pdf
- ¹⁵ Brasil. Ministério da Saúde. Caderneta de Saúde da Adolescente. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. [citado 16 mar 2020]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_feminina.pdf
- ¹⁶ Almeida IS, Amaral CSGJS, Dias MO, Silva PFC. Atividades de sala de espera na formação do aluno de enfermagem. Adolesc e Saude. [Internet]. 2016 [citado 03 mar 2020];13(2):179-83. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v13s2a22.pdf>
- ¹⁷ Gomes CS, Amaral, JS, Dias MO, Silva PFC, Baptista ATP, Almeida IS. Sala de espera para adolescentes e familiares. Aproximando. [Internet]. 2015 [citado 16 nov 2021];1(1) Disponível em: <https://ojs.latic.uerj.br/ojs/index.php/aproximando/article/view/156/119>
- ¹⁸ Rosa J, Barth PO, Germani ARM. A sala de espera no agir em saúde: espaço de educação e promoção à saúde. Perspectiva, Erechim, [Internet]. 2011 [citado 24 fev 2020];35, (129):121-130. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/129_160.pdf
- ¹⁹ Rosa ÉFT, Oliveira EC, Campos ICM, et al. Considerações sobre a enfermagem na saúde escolar e suas práticas educativas. HOLOS. [Internet]. 2017 [citado 28 fev 2020];5(0):360-9. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3644/pdf>
- ²⁰ Brasil. Presidência da República. Decreto Nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, dez. 2007. [citado 26 fev 2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm
- ²¹ Brasil. Ministério da Saúde. Programa Saúde do Adolescente. Bases Programáticas. 2ª Edição. Brasília: Ministério da Saúde; 1996. [citado 26 fev 2020]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_05.pdf
- ²² Moretti CA, Dallegre D, Riggo LJA, Dalberto EM. Implementação da consulta de enfermagem na Estratégia Saúde da Família: desafios e potencialidades. J Nurs Health. [Internet]. 2016 [citado 19 nov 2021];6(2):309-20 Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/7159/6046>
- ²³ Barros RP, Holanda PRCM, Sousa ADS, Apostolico MR. Necessidades em Saúde dos adolescentes na perspectiva dos profissionais da Atenção Primária à Saúde. Ciência & Saúde Coletiva. [Internet]. 2021 [citado 19 nov 2021];26(02):425-434. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Tsf3JXM6T7RkKMFfRjz6zJp/?format=pdf&lang=pt>

Ilustrações, tabelas e quadros

Figura 1. Momentos da implementação da consulta de enfermagem do adolescente.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Submissão: 14/01/2020

Aceite: 10/07/2020